

Saudade de casa
by Gui Calil

**Pintar é escrever uma carta de saudade.
Saudade do lar. Do lar de lá. De longe.**

Uma angústia de voltar, e não mais poder. Como se o grito de socorro, estivesse preso em um algum canto entre a garganta e um ponto médio do peito. Um certo ponto entre o sentir e o sonhar.

E, como as palavras não moram dentro, as coisas que estão fora, são as cores, dores, e riscos de quem não domina o ato, mas sim o fato de que a origem, por tato, precisa quanto eu viver de saudade.

**CHAME DE NOSTALGIA, O QUE POR
RAIVA OU POESIA, CHAMO DE
MAGIA. MINHA E DE MEU POVO.
SEM FORMA, E SEM TEMPO.**



E, assim, como um filho disposto a morrer distante daqueles que o tornaram sua versão controversa, me entrego.

Morrer pela verdade. Falar uma língua que não domino. Mas que surge como a clareza, e dúvida, de meu idioma. Conheço as formas, mas não o conteúdo. Como um livro secreto capaz de abrir as portas dos sonhos mais antigos da humanidade.

Sinto-me velho. Como o diabo e nossas lutas. Como se a idade não me permitisse voltar. Estranha dor. Uma dor de memórias. E doem como cicatrizes deixadas por uma ávida mão rasgando em marcas a fina pele de um manuscrito antigo. Marcas definitivas. Como um tratado. Uma vil excomunhão.

E quando estas tintas, cores e dores, libertarão a passagem? Ou será sempre apenas uma carta? Sem papel para carregar suas marcas.

Sonho à volta. Desenho a esperança.